

Subsídios para o estudo da Pré-História de Conceição na Paraíba: achados arqueológicos na comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos

José Walber Vieira de Oliveira

Resumo

Este trabalho tem como objetivo registrar um sítio arqueológico de pinturas rupestres localizado na comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos, no município de Conceição, sertão paraibano. Além de apresentar o sítio, buscamos historicizar sua existência, com a intenção de abrir caminhos para que esse achado se torne uma fonte direta para futuras pesquisas históricas, arqueológicas e antropológicas. Desse modo, enfatizamos a importância de que vestígios como este também sejam estudados e problematizados sob a perspectiva historiográfica, para que sua história não desapareça ao longo dos desastres naturais, que são ocasionados pela ignorância humana.

Palavras-Chave: Conceição/Paraíba; Pinturas rupestres; Sítio arqueológico.

Subsidies for the study of Prehistory in Conceição, Paraíba: archaeological findings in the Community of Cachoeirinha dos Poncianos

Abstract

This work aims to document an archaeological site of rock paintings located in the community of Cachoeirinha dos Poncianos, in the municipality of Conceição, in the hinterlands of Paraíba, Brazil. In addition to presenting the site, we seek to historicize its existence, with the intention of paving the way for this finding to become a primary source for future historical, archaeological, and anthropological research. In this sense,

we emphasize the importance of studying and problematizing such vestiges from a historiographical perspective, so that their history is not lost amid natural disasters caused by human ignorance.

Keywords: Conceição/Paraíba; Cave paintings; Archaeological site.

Texto integral

Conceição do ontem ao hoje

Quando Adalgisa de Alencar Chaves publicou sua primeira obra de cunho memorialista, intitulada *Conceição do Piancó de ontem e de hoje*, em 1985, ela destacou a localização geográfica do município de Conceição, na Paraíba, a partir dos limites territoriais vigentes à época.

O município de Conceição situa-se na zona fisiográfica do alto sertão da Paraíba. Sua área geográfica ocupa uma extensão territorial de 1.002 Km², limitando-se a dois estados distintos. Ao Sul, Conceição faz fronteira com Serra Talhada e São José de Belmonte no estado do Pernambuco e ao Oeste com o Maurity no estado do Ceará (Chaves, 1985, p. 23).

Segundo a autora, Conceição limitava-se a dois estados distintos: ao sul, com os municípios de Serra Talhada e São José de Belmonte, ambos em Pernambuco; e ao oeste, com o município de Mauriti, no Ceará. Essa descrição revela uma configuração territorial que reforçava a relevância estratégica da localidade na malha geográfica nordestina e de um município que tem suas fronteiras vinculadas a dois estados.

Decorridas quase quatro décadas, os dados mais recentes revelam mudanças significativas na configuração territorial de Conceição. Conforme o Censo Demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o município permanece situado no Sertão Paraibano, integrando atualmente a Região Metropolitana do Vale do Piancó e está localizado a aproximadamente 476 km da capital estadual, João

SERTÃO HISTÓRIA (ISSN 2764-3956) – Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri | V.4, N.8, jul.-dez. 2025.

Pessoa. Contudo, a área territorial de Conceição passou por uma expressiva redução, sendo atualmente de 580,650 km². Ademais, verifica-se a perda de sua antiga fronteira ao sul com o estado de Pernambuco, mantendo-se somente a divisa com o estado do Ceará, especificamente com o município de Mauriti.

A redução da área territorial de Conceição pode ser atribuída à emancipação de antigos distritos que integravam seu território. Esses desmembramentos administrativos resultaram na formação de novos municípios, que incorporaram porções significativas do espaço antes pertencente à Conceição¹. Apesar dessa retração territorial, o município continua a conservar importância regional, tanto por sua extensão quanto pelo patrimônio histórico-cultural que abriga. Suas tradições, práticas sociais e manifestações culturais permanecem enraizadas no cotidiano da população, constituindo elementos fundamentais para a compreensão de sua identidade histórica. A trajetória do município pode ser analisada desde vestígios arqueológicos da Pré-História até os tempos contemporâneos, evidenciando a complexidade de sua formação histórica.

Nesse contexto, destaca-se uma descoberta de relevância arqueológica: a identificação de um conjunto de pinturas rupestres em área pertencente ao município. Tal achado sugere a possível existência de um sítio arqueológico, o que motivou a elaboração do presente trabalho. Portanto, o objetivo principal do texto é registrar a existência desses vestígios rupestres, de modo a fomentar novas investigações científicas nas áreas da historiografia, da arqueologia e da antropologia. Assim, considera-se que esses registros constituem fontes primárias valiosas para o entendimento das formas de ocupação humana no território de Conceição, além de contribuir para o fortalecimento da memória e da identidade local. Ressalta-se, ainda, a relevância de tais estudos no sentido de evitar o apagamento dos vestígios deixados por povos ancestrais,

¹ O município de Conceição, na Paraíba, perdeu cerca de 42% de sua área territorial devido à emancipação política de três de seus distritos: Ibiara, Santana de Mangueira e Santa Inês. Esses distritos, que pertenciam originalmente à Conceição, passaram por processos administrativos que resultaram em sua elevação à categoria de municípios no final da segunda metade do século XX.

permitindo que sejam incorporados à narrativa da história, local, regional e até mesmo à história nacional.

Indícios arqueológicos e rastros históricos em Conceição na Paraíba

O município de Conceição abriga dezenas de comunidades rurais distribuídas por sua extensão territorial, desempenhando papel fundamental na composição social e cultural da região. Dentre essas comunidades, destaca-se o povoado de Cachoeirinha dos Poncianos, que, além de sua relevância histórica local, se apresenta como possível berço das primeiras ocupações humanas no território conceicionense, remontando a um período correspondente à chamada Pré-História brasileira. Tal hipótese se baseia na existência de vestígios materiais preservados no local, os quais contribuem para uma reinterpretação do passado remoto da região a partir de evidências arqueológicas ainda pouco exploradas.

Localizada a aproximadamente 12 km da sede municipal, a comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos é formada por cerca de 30 famílias, cuja principal atividade econômica está centrada na agricultura de subsistência e na agropecuária. A economia local é marcada pela valorização do trabalho coletivo, pela transmissão de saberes tradicionais e pela forte relação com a terra. Há aproximadamente dois séculos, moradores da comunidade descobriram um conjunto de rochas que formam uma espécie de abrigo natural. No interior desse abrigo, observou-se a presença de um frontão contendo múltiplas inscrições pictóricas, que, à época, foram denominadas pelos próprios habitantes como “desenhos e letras”, em função da aparência dos traços observados nas chamadas pedras.

Esse achado permaneceu, ao longo de gerações, como um elemento simbólico da comunidade, transmitido oralmente entre os moradores, embora sem o devido reconhecimento acadêmico. Durante cerca de duzentos anos, não houve interesse científico ou ações de preservação voltadas para a análise daqueles registros. Os sinais

rupestres, embora conhecidos pela população local, não foram formalmente estudados, o que contribuiu para sua invisibilidade diante da comunidade acadêmica. No entanto, com o passar do tempo e diante da crescente valorização do patrimônio cultural, um morador da comunidade, o frei Matheus Berto da Silva², sensibilizado pela importância histórica dos registros, iniciou um processo de busca por informações que explicassem a origem e o significado daqueles vestígios.

Movido pela curiosidade e pelo desejo de compreender melhor o valor do achado, frei Matheus entrou em contato com um historiador, compreendendo que aqueles sinais rupestres poderiam ser fontes diretas para os estudos históricos e arqueológicos sobre a ocupação humana na região. A partir de sua solicitação, foi realizada, no ano de 2023, uma primeira visita técnica ao local, com o intuito de observar *in loco* os registros pictográficos conhecidos popularmente como “desenhos e letras”. Esse nome, conferido pelos moradores, colaborou para o lugar passar a ser conhecido regionalmente como Pedra do Letreiro, revelando, desde o início, um vínculo simbólico entre a comunidade e o espaço rochoso.

Durante a visita à Pedra do Letreiro, foi possível perceber que os registros ali presentes ultrapassam a noção popular de simples desenhos ou marcas. A análise preliminar dos elementos gráficos presentes nas rochas permitiu levantar a hipótese da existência de um novo sítio arqueológico no interior da Paraíba. A diversidade e a nitidez dos vestígios indicam a presença de grupos humanos ancestrais, possivelmente habitantes da região durante o período pré-histórico. A conformação do abrigo, aliada à localização estratégica e à natureza das pinturas, reforça a tese de que o local foi utilizado por populações que deixaram marcas culturais significativas na paisagem natural.

² Matheus Berto da Silva é frei, natural da comunidade Cachoeirinha dos Poncianos. Desde a infância, conhecia os registros rupestres da região, mas desconhecia sua importância para o município de Conceição e para a comunidade acadêmica. Após ingressar na ordem religiosa e iniciar sua formação nos cursos de Filosofia e Teologia, passou a refletir sobre o valor desses vestígios e decidiu buscar apoio para que fossem realizadas as primeiras análises sobre o sítio arqueológico.

De acordo com Juvandi de Souza Santos (2008, p. 29), os sítios de pinturas rupestres são “[...] locais onde encontram-se as famosas figuras rupestres, pinturas e gravuras”. A partir dessa definição, é possível compreender que o achado em Cachoeirinha dos Poncianos se enquadra nos critérios arqueológicos que caracterizam os sítios rupestres, reforçando a necessidade de ações voltadas à sua catalogação, estudo e preservação. Desse modo, Santos (2008) ainda aponta que, na Paraíba, já foram identificados centenas de sítios, podendo haver mais de mil, sugerindo a importância de ampliar o mapeamento e o reconhecimento dessas áreas, sobretudo aquelas ainda desconhecidas pela ciência, como o caso em questão.

Para frei Matheus, os registros encontrados na Pedra do Letreiro fazem parte da história da comunidade há gerações, estando presentes na memória coletiva há, pelo menos, dois séculos, conforme relatado por seus ancestrais. Em conversa com o frei, ele relatou que conheceu o local ainda na infância, levado por familiares, sem imaginar, naquele momento, que os desenhos vistos nas rochas pudessem ter tamanha relevância científica. Com o tempo, e impulsionado por sua formação e consciência histórica, compreendeu que aquelas marcas poderiam inaugurar campo de investigação arqueológica, histórica e antropológica para o município de Conceição, projetando o povoado de Cachoeirinha dos Poncianos como espaço de interesse para pesquisas acadêmicas.

À medida que nos aproximávamos dos registros e aprofundamos o diálogo com moradores locais, tornou-se evidente o vínculo afetivo e cultural da comunidade com o achado. O proprietário do terreno onde se localiza a Pedra do Letreiro, o senhor Francisco Arimilton Ponciano, acolheu cordialmente a equipe e compartilhou suas memórias relacionadas ao local. Em longas conversas, ele relatou experiências vividas com o sítio, expressando o orgulho da comunidade por abrigar um espaço tão singular. Os moradores se identificam com os “desenhos e letras”, reconhecendo-os como parte integrante de sua história, mesmo sem o respaldo técnico que confirme sua natureza arqueológica. Esse sentimento de pertencimento e de valorização espontânea revela a

potência do saber popular e da memória oral na preservação de bens culturais presentes em nosso meio, como pode ser visto nas palavras do senhor Arimilton:

Hoje eu tenho 70 anos e com 6 anos de idade eu conheci esses desenhos. Meu pai me levava pra lá, para aquelas pedras e me mostrava as letras que tinha assim por de baixo e por cima, umas letras vermelhas, mas ninguém sabia o que era. Aí eu perguntava, mas meu pai, quem foi que fez isso? Aí ele dizia, isso aqui, meu pai já contava, que no caso era meu avô, que quando ele era menino, já tinha essas letras e fulano e mais fulano para trás já dizia que conhecia, isso é coisa de muito tempo, tem mais de 200 anos (Ponciano, 2024).

Conforme o proprietário da área onde se localiza a Pedra do Letreiro, as pinturas rupestres ali encontradas remontam a um tempo anterior ao de seus avós. Baseando-se nos relatos transmitidos por seu pai, estima-se que esse achado ultrapassa os duzentos anos de existência. Essa informação, ainda que de base oral, é significativa, ao indicar que os registros são conhecidos pela comunidade há diversas gerações, sugerindo uma convivência prolongada da população local com rastros materiais deixados por grupos humanos do passado. A longevidade dessa relação pode apontar, inclusive, para a hipótese de um tempo milenar, algo que somente poderá ser comprovado por meio de análises científicas, como a datação dos pigmentos e das camadas minerais, processos próprios da metodologia arqueológica.

A partir dessa temporalidade estendida, é possível refletir sobre os laços afetivos e identitários entre os moradores da comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos e o sítio rupestre. A relação de pertencimento com as pinturas foi expressa por meio de um relato fornecido pelo senhor Francisco Arimilton Ponciano, o qual afirmou:

Hoje em dia a Pedra do Letreiro assim como nós chama, tá reservada, é difícil aparecer uma pessoa querendo conhecer. Aqui mesmo no sítio esse povo mais novo nem sabe onde fica e nem de que jeito é os desenhos, acho que nem sabe que aqui tem essa pedra, porque nunca foram lá. As pessoas que anda lá é às vezes quando meus filhos ou algum parente que mora fora passa as férias por cá, aí aparece aqui

para reparar, mas é difícil. Hoje, eu já tô cansado, só vou lá quando tô olhando minhas terras (Ponciano, 2024).

Esse testemunho revela que, apesar da antiguidade e importância do local, atualmente ele permanece pouco visitado, inclusive por membros da própria comunidade. Muitos dos moradores mais jovens sequer sabem da existência da Pedra do Letreiro, o que denuncia um processo de esquecimento e desinformação. Tal afastamento entre as novas gerações e os vestígios do passado pode ser atribuído à ausência de políticas públicas voltadas à preservação e valorização do patrimônio cultural local. A invisibilidade da Pedra do Letreiro, mesmo na própria comunidade, é um fator preocupante, por comprometer a continuidade da memória histórica e o fortalecimento da identidade coletiva.

Outro aspecto relevante a ser destacado refere-se aos desafios enfrentados ao longo do tempo na convivência com o sítio, especialmente no que diz respeito à sua conservação. O mesmo entrevistado relatou episódios em que a área foi utilizada para outras finalidades, o que implicou em potenciais riscos à integridade das pinturas. Ele afirmou:

Lá já foi botado roça. Eu nunca broquei, mas no tempo do meu pai lá já foi roça. Depois, onde hoje é a pedreira, foi botado um britador, que era para quebrar as pedras para fazer essa estrada. Aí esse pessoal que era de Campina Grande queria furar e quebrar as pedras dos desenhos, mas meu pai disse não, essas aí eu não aceito não, pode deixar elas aí, se vocês quiser quebrar outra pedra eu aceito, mas essas que tem os desenhos não (Ponciano, 2024).

Esse depoimento é crucial para compreender as tensões entre preservação e exploração econômica do território. A tentativa de destruição das rochas com pinturas por parte de uma empresa de mineração, contida somente pela intervenção do pai do atual proprietário, demonstra o quão frágil tem sido a proteção desses vestígios históricos. Apesar da ausência de medidas legais de salvaguarda, foi a consciência popular e o valor atribuído ao local por membros da própria comunidade que impediram a

deprecação de um patrimônio de valor inestimável. Esse episódio ilustra como, por vezes, a ação individual pode exercer papel fundamental na preservação do patrimônio cultural, sobretudo em contextos rurais marcados pela ausência do Estado.

A instalação da empresa mencionada, voltada à extração de brita, ocorreu entre o final da década de 1970 e o início dos anos 1980, coincidindo com o processo de construção da Rodovia PB-400, que conecta os municípios de Conceição e Cajazeiras. O britador foi posicionado em uma pedreira a cerca de 30 metros da Pedra do Letreiro, e o material extraído destinava-se à construção de pontes e outros trechos da estrada. Como consequência direta dessa atividade, é possível observar na área uma abundância de fragmentos de rochas, muitos dos quais apresentam marcas evidentes de perfuração e explosão, utilizadas para dinamitar a jazida rochosa.

Diante desse cenário, é plausível considerar que as ações humanas realizadas no entorno da Pedra do Letreiro tenham comprometido, parcial ou integralmente, a integridade dos vestígios ali presentes. Embora o depoimento de Francisco Ponciano indique que a rocha principal com pinturas foi preservada, não há garantias de que os danos não tenham alcançado outros elementos arqueológicos do local. Por tratar-se de um possível sítio arqueológico ainda não estudado de maneira sistemática, é importante considerar a hipótese de que, além das pinturas rupestres, o espaço poderia conter outros vestígios materiais, como fragmentos líticos, petróglifos, restos de carvão, cerâmica ou até mesmo fósseis, que podem ter sido destruídos antes mesmo de serem identificados.

Com base nessa possibilidade, levantamos uma indagação essencial para nortear futuras pesquisas: além das rochas pintadas, o que mais pode ter sido deteriorado nos arredores da Pedra do Letreiro? Essa é, por ora, uma pergunta sem resposta, mas que esperamos que investigações arqueológicas futuras possam elucidar. Essa lacuna reforça a necessidade de medidas urgentes de proteção, registro e estudo do local, para que se evite a perda definitiva de informações preciosas sobre os antigos habitantes da região e sua relação com o território.

Sítio arqueológico Pedra do Letreiro

Para o historiador Vanderley de Brito (2011), sítios e vestígios arqueológicos também são fontes propícias aos estudos de um historiador, pois se concernem como fontes históricas deixadas pelo homem ao longo da vida em momentos que interseccionam tempo e espaço. Essa perspectiva amplia o campo de atuação da História, reconhecendo que os vestígios materiais produzidos por grupos humanos no passado não são somente objeto da Arqueologia, mas também constituem evidências significativas para a compreensão das experiências humanas em diferentes períodos. Nesse sentido, os sítios arqueológicos podem ser lidos como documentos não escritos, cuja análise exige sensibilidade metodológica e capacidade de interpretação contextual, qualidades que o historiador deve desenvolver para lidar com fontes de natureza diversa.

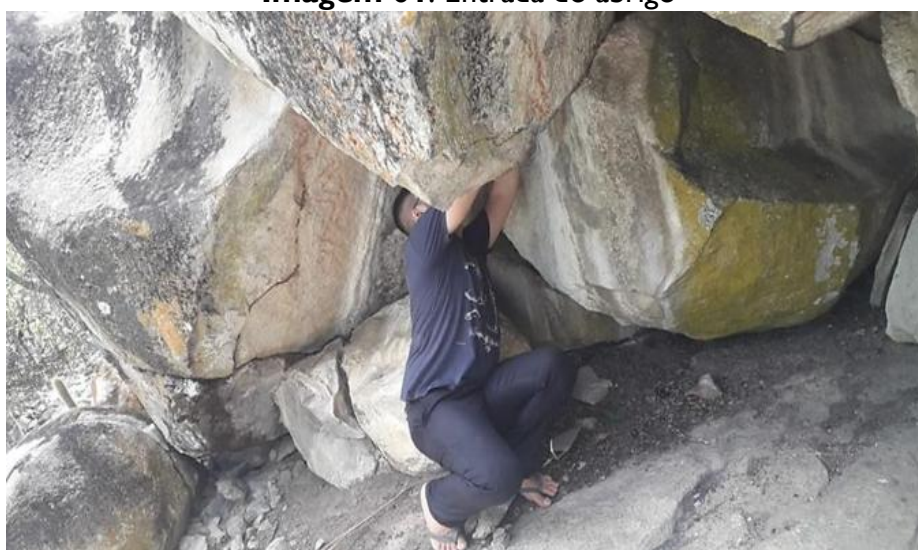
Sob a égide da pesquisa histórica com enfoque na interface com a Arqueologia, uma das primeiras abordagens possíveis em relação ao Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro é a formulação de hipóteses e a realização de análises comparativas com outros estudos que tratam de temáticas similares. Embora não sejamos arqueólogos de formação, nossa atuação como historiadores permite desenvolver um olhar analítico sobre os registros materiais, desde que observadas as limitações metodológicas de nossa área e evitadas interpretações anacrônicas ou conclusões precipitadas. A interdisciplinaridade entre História e Arqueologia é, nesse caso, não somente recomendável, mas necessária para a investigação avançar com responsabilidade científica e rigor interpretativo.

A partir dessa abordagem, um dos elementos que mais chama atenção é a localização geográfica da Pedra do Letreiro. O sítio encontra-se no topo de uma serra, em uma área elevada com vista ampla do entorno, o que por si só já levanta hipóteses sobre o possível uso estratégico do local por grupos humanos do passado. Próximo à formação rochosa onde se situam as pinturas, corre um rio de pequeno porte, elemento que reforça a viabilidade do local como espaço de ocupação temporária ou ritual. A

conformação do sítio assemelha-se à de um abrigo sob rocha, estrutura natural frequentemente utilizada por populações pré-históricas para proteção contra intempéries e como espaço simbólico. O abrigo possui uma extensão aproximada de três metros, com uma altura variável entre um metro e um metro e meio, e aberturas que permitem acesso de diferentes lados. Esse tipo de estrutura física, somada à presença de pinturas tanto na parte interna quanto externa da rocha, indica a possibilidade de práticas culturais que envolviam não somente o abrigo, mas também o espaço circundante.

Esses elementos topográficos e estruturais abrem margem para comparações com outros sítios do Nordeste brasileiro, onde a distribuição de abrigos sob rochas e a presença de cursos d'água próximos também aparecem como padrões recorrentes. Assim, mesmo sem a realização de escavações ou análises laboratoriais, é possível propor linhas iniciais de investigação que sejam aprofundadas por estudos arqueológicos futuros. O reconhecimento da potencialidade científica do local é o primeiro passo para que esse patrimônio cultural seja devidamente valorizado e protegido. Como uma das formas de apresentar este sítio, para além dos relatos, apresentaremos algumas imagens que permitem visualizar sua estrutura, bem como os registros deixados por nossos ancestrais nesse local.

Imagem 01: Entrada do abrigo



Fonte: Autor da pesquisa (2024).

Nas primeiras análises que realizamos durante a visita ao local, foi possível catalogar um total de dezoito pinturas rupestres visíveis a olho nu, localizadas nas superfícies internas e externas do abrigo rochoso. As representações identificadas se destacam por apresentar traços que variam entre o grafismo abstrato e composições com predominância de linhas geométricas, tais como traços paralelos, zigue-zagues, círculos e formas retangulares, comuns em diversos sítios arqueológicos do Brasil Central e Nordeste³. Esses elementos, embora de difícil interpretação simbólica sem o apoio de um estudo arqueológico sistemático, sugerem práticas culturais e simbólicas por parte dos grupos humanos que ali estiveram.

Outro aspecto observado diz respeito à variedade de proporções das pinturas, que apresentam uma diversidade de tamanhos e formatos. As dimensões registradas variam entre 10 e 50 centímetros de comprimento, revelando não somente a complexidade dos traços, mas também a intencionalidade dos autores em ocupar determinadas áreas da rocha com figuras de maior ou menor destaque visual. Essa variação no tamanho pode indicar funções ou significados distintos atribuídos às figuras, embora essas interpretações permaneçam, por ora, no campo das hipóteses. Além disso, o uso de pigmento avermelhado em todas as figuras reforça uma padronização estética ou técnica, característica também encontrada em outros sítios arqueológicos do Nordeste, como os do Parque Nacional da Serra da Capivara, no Piauí.

Apesar da limitação metodológica que nos impede de realizar uma análise arqueológica completa, os dados iniciais obtidos durante a observação direta das pinturas já são suficientes para destacar a importância do local como um possível Sítio Arqueológico. A riqueza visual e a disposição das pinturas indicam um espaço de relevância simbólica e histórica, cuja preservação e estudo são fundamentais não somente para a memória da comunidade local, mas também para o patrimônio histórico-

³ Neste contexto, Brasil Central refere-se à região Centro-Oeste e áreas próximas, como o norte de Minas Gerais e Tocantins. O Nordeste inclui os nove estados da região, ambos com vasta presença de sítios arqueológicos com grafismos semelhantes aos encontrados em Conceição, Paraíba.

cultural da Paraíba e do Brasil. Essa importância pode ser melhor compreendida por meio das imagens a seguir, que ilustram os elementos observados no sítio.

Imagem 02: Parte interna do abrigo.



Fonte: Autor da pesquisa (2024).

Imagem 03: Parte externa do abrigo.



Fonte: Autor da pesquisa (2024).

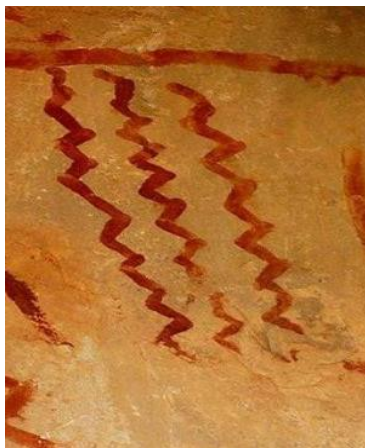
Como podemos observar a partir das imagens e análises anteriores, as pinturas rupestres revelam traços que se assemelham à Tradição Nordeste, uma das mais antigas manifestações culturais registradas na história pré-colonial brasileira. Segundo a arqueóloga Niède Guidon (2008), essa tradição está presente no território nacional há mais de 50 mil anos, o que a torna uma das expressões mais antigas da ocupação humana nas Américas. Ao analisar os traços gráficos encontrados na Pedra do Letreiro, é possível perceber semelhanças significativas com os padrões característicos dessa tradição, sobretudo com elementos identificados na Sub-Tradição do Seridó, originária da região do Rio Grande do Norte.

A Sub-Tradição do Seridó, como aponta Gabriela Martin (2008), reúne um conjunto de manifestações rupestres que se destacam por um grafismo específico, composto por linhas retas, paralelas, zigue-zagues e formas geométricas simples. Segundo a autora, os grupos humanos que integraram essa Sub-Tradição expandiram

seus territórios para além das fronteiras atuais do Rio Grande do Norte, penetrando no sertão da Paraíba em um intervalo cronológico que varia entre sete a nove mil anos antes do presente. Essa expansão territorial desses povos pré-históricos reforça a hipótese de que a Pedra do Letreiro pode ter sido um ponto de passagem, ou mesmo de ocupação fixa, desses grupos ancestrais, reforçando sua relevância na arqueologia regional.

Complementando essa perspectiva, o pesquisador Francisco Paccelli Gurgel da Rocha (1998) desenvolveu estudos no Sítio Arqueológico Pedra Branca, localizado no município de Vieirópolis, Paraíba, no qual identificou uma expressiva quantidade de pinturas que pertencem à Sub-Tradição do Seridó. De acordo com seus levantamentos, essa tradição se estabeleceu na Paraíba há cerca de 7.000 anos antes do tempo presente, espalhando-se por diferentes áreas do sertão paraibano. O estudo de Paccelli é particularmente relevante porque oferece um paralelo direto entre as pinturas do sítio Pedra Branca e aquelas observadas no sítio Pedra do Letreiro, sugerindo uma continuidade ou ramificação cultural entre os dois sítios arqueológicos. Essa semelhança entre os grafismos reforça a necessidade de se aprofundar os estudos na região de Conceição, não somente para identificar com mais precisão a origem das pinturas, mas também para integrar esse achado a um contexto mais amplo da ocupação humana no semiárido nordestino e no sertão paraibano. A seguir, apresentamos imagens comparativas que ajudam a visualizar essas semelhanças entre os vestígios.

Imagem 04: Sub-Tradição do Seridó: Carnaúba dos Dantas – RN.



Fonte: Martin (2008).

Imagem 05: Sub-Tradição do Seridó: Vieirópolis – PB.



Fonte: Rocha (1998).

Imagem 06: Possíveis pinturas da Sub- Tradição do Seridó: Conceição – PB.



Fonte: Autor da pesquisa (2024).

Considerando o grafismo presente nas imagens analisadas, observa-se que os traços seguem uma padronização visual e estilística que sugere características comuns. Os elementos gráficos apresentam semelhanças formais e estruturais, com repetições de formas geométricas, linhas paralelas e curvas que apontam para uma lógica estética compartilhada. Esses aspectos reforçam a possibilidade de que as pinturas rupestres da Pedra do Letreiro descendem de uma mesma matriz cultural, relacionada à Sub-Tradição do Seridó. Conforme aponta Gabriela Martin (2008, p. 253), essa sub-tradição “[...] enriqueceu o sertão com elementos próprios do seu habitat”, demonstrando como os grupos que a compuseram conseguiram desenvolver representações gráficas profundamente conectadas com o ambiente em que viviam. A identificação desses elementos na Pedra do Letreiro insere o sítio em uma rede maior de manifestações culturais que atravessam séculos, senão milênios, de ocupação humana no semiárido nordestino.

Uma hipótese plausível para explicar a presença desses grupos na atual região de Conceição, mais especificamente na comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos, é a utilização dos cursos d’água como rotas de deslocamento. Durante a Pré-História, rios

e riachos funcionavam como verdadeiros eixos de mobilidade e sobrevivência, fornecendo água, alimentação, matérias-primas e vias de acesso entre diferentes territórios. A crença na utilização desses cursos d'água como corredores naturais de migração é amplamente defendida por diversos arqueólogos e historiadores, sendo uma das explicações mais aceitas para os deslocamentos humanos em busca de melhores condições de vida. Assim, ao seguir os rios, esses grupos puderam se estabelecer em áreas estratégicas que combinavam segurança, recursos naturais e abrigo, como é o caso da Pedra do Letreiro.

Desse modo, Gabriela Martin (1991, p. 73) esclarece que “No Seridó os grupos humanos habitavam uma área privilegiada, com cursos d'água perenes, onde os canais fluviais formavam parte do cotidiano”. Essa observação reforça a ideia de que a fixação de populações humanas no sertão nordestino esteve diretamente ligada à presença de recursos hídricos estáveis. Em consonância com essa perspectiva, Paccelli (1998, p. 51) argumenta que “A premissa básica dessa hipótese tem por base a existência do Rio Piranhas como fator natural de ligação física entre duas porções geográficas em questão: Paraíba e Rio Grande do Norte”. Tais apontamentos indicam que os antigos habitantes da região podem ter utilizado o leito do Rio Piranhas como uma rota de conexão entre diferentes áreas, permitindo a expansão da Sub-Tradição do Seridó para o interior da Paraíba.

Nesse sentido, podemos conjecturar que os povos pré-históricos que produziram as pinturas da Pedra do Letreiro tenham chegado à região que hoje é Conceição por meio do Rio Piranhas. Esse importante curso d'água nasce na Serra do Bongá, no município de Bonito de Santa Fé, Paraíba, a aproximadamente 30 km da comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos. O rio percorre vários municípios da Paraíba até alcançar o estado do Rio Grande do Norte, onde passa a ser denominado Rio Piranha-Açu, banhando áreas centrais do Seridó potiguar. Essa bacia hidrográfica serviu, durante milênios, como eixo de circulação de pessoas, bens e práticas culturais. As evidências arqueológicas distribuídas ao longo de sua extensão, inclusive em áreas

próximas à Pedra do Letreiro, confirmam que a região foi ocupada por grupos humanos que se deslocaram pelos cursos d'água em busca de sobrevivência, estabelecendo núcleos de habitação temporária ou permanente nos locais mais propícios.

Considerações Finais

Para Juvandi de Souza Santos (2006, p. 32), “Ainda falta muito a se pesquisar sobre a Pré-História da Paraíba e muito a se fazer, principalmente no tocante à preservação desses ambientes que guardam restos materiais da passagem do homem pré-histórico”. A afirmativa do autor se confirma diante das evidências encontradas na Pedra do Letreiro, situada na comunidade de Cachoeirinha dos Poncianos, no município de Conceição, Paraíba. As pinturas rupestres ali presentes representam uma descoberta recente e significativa, que aponta para a possibilidade de existência de um novo Sítio Arqueológico no interior paraibano. Trata-se de um achado que, por si só, já demanda maior atenção por parte da comunidade acadêmica, das autoridades de preservação e das políticas públicas voltadas ao patrimônio cultural.

Essa descoberta não somente amplia o campo de investigação sobre as ocupações humanas no semiárido paraibano, como também abre caminhos para a reinterpretação da história local. Ainda há muito a ser pesquisado, principalmente porque o sítio reúne características que o tornam singular: está localizado em uma área elevada, próxima a cursos d'água, e apresenta registros gráficos compatíveis com a Sub-Tradição do Seridó. Essas particularidades o tornam um ponto de partida promissor para questionarmos a chamada “história oficial” de Conceição, Paraíba, que, por muito tempo, esteve ancorada em uma perspectiva eurocêntrica e positivista. Essa narrativa tradicional afirma que o território só teria sido “descoberto” em 1776, com a chegada da família de João Rodrigues dos Santos, de origem portuguesa, apagando deliberadamente a presença milenar de grupos humanos que ali viveram muito antes da colonização nesta região.

Como observa o historiador Djalma Luiz do N. Dantas (2023, p. 293), essa versão da história persiste, em grande parte, devido “[...] à busca por heroísmo do conquistador que o fez, intencionalmente, deslegitimar a ocupação das terras dos sertões, que caberia ao ‘homem pré-histórico’ descobrir e ocupar”. A história de Conceição, nesse sentido, foi moldada a partir de uma ótica que privilegiou os feitos da elite colonial e omitiu a existência de culturas anteriores, perpetuando uma narrativa excludente. É problemático que essa versão cheia de lacunas e distorções continue a ser reiterada por produções acadêmicas, escolares e institucionais, comprometendo a compreensão crítica e plural do passado. Tais equívocos reforçam a necessidade de promover uma história que reconheça os diversos sujeitos históricos que contribuíram para a formação cultural do sertão paraibano.

Portanto, torna-se fundamental compreender que a importância de historicizar o Sítio Arqueológico Pedra do Letreiro é tão vital quanto o próprio exercício de conhecermos a nossa História. A memória inscrita nas rochas precisa ser lida como documento vivo de uma presença humana ancestral, cuja existência resiste às fronteiras impostas pela narrativa colonial. Investigar mais profundamente esse patrimônio é também um compromisso com a preservação do que resta da passagem do homem pré-histórico por nossas terras. Essa tarefa está alinhada com os princípios da Educação Patrimonial, discutida por Maria de Lourdes Parreira Horta, (1999), que propõe a valorização crítica dos bens culturais, sua integração com o cotidiano das comunidades locais e a promoção da cidadania através do reconhecimento do patrimônio como herança coletiva. Ao resgatar os vestígios do passado e inseri-los no debate histórico, reafirmamos o direito de recontar a nossa própria história, agora não mais pelos olhos de quem chegou, mas pelos vestígios de quem já estava aqui há milênios.

Referências e fontes

- BRITO, Vanderley de. **“Sítios arqueológicos na Paraíba: uma revisão bibliográfica”**. IN: OLIVEIRA, Thomas Bruno (org.). *Pré-História: Estudos para a Arqueologia da Paraíba*. Campina Grande, JRC, 2011, P. 77-94.
- CHAVES, Adalgisa de Alencar. **Conceição do Piancó de ontem e de hoje**. FEBEM Artes Gráficas. Paraíba, 1985.
- DANTAS, Djalma Luiz do Nascimento. **Boa Fé: A experiência do Ensino de História vivenciado para a descoberta do 1º Sítio Arqueológico Tupi no município de Cachoeira dos Índios-PB**. Revista Eletrônica do Núcleo de Estudos em História Social e Ambiente – NEHSA, Universidade Regional do Cariri, V.2. N.4., jul. dez. 2023. Disponível em: <https://revistas.urca.br/index.php/SertH/article/download/1027/535/4074>. Acesso em: 16 de maio de 2025.
- GUIDON, Niède. **O Homo sapiens já estava no Piauí há 100 mil anos**. Revolução Genômica, São Paulo, 2008. Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/niede-guidon/>. Acesso em: 26 de maio de 2025.
- HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **O que é a educação patrimonial?** São Paulo, 1999. Disponível em: <https://www.academia.edu/11935219>. Acesso em: 20 outubro 2024.
- IBGE – **INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA**. Censo Brasileiro de 2022. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/pb/conceicao/panorama>. Acesso em: 16 de novembro de 2024.
- MARTIN, Gabriela. **Pré-História do Nordeste do Brasil**. 5ª ed. – Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2008.
- MARTIN, Gabriela. **Novos dados sobre as pinturas rupestres do Seridó, no Rio Grande do Norte**. Anais do I Seminário de Pré-História do Nordeste Brasileiro. Clio, série arqueológica. nº 4 – Recife, 1991.
- ROCHA, Francisco Eugênio Paccelli Gurgel da. **Caracterização macro-espacial de sítios arqueológicos no alto Sertão Paraibano**. Dissertação de Mestrado em História, apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal de Pernambuco – UFPE, 1998.
- SANTOS, Juvandi de Souza. **“As teorias sobre o povoamento pré-histórico das Américas: O povoamento pré-histórico do Brasil; O Nordeste pré-histórico”**. Paraíba: Da Pré-História ao Início da Colonização. Campina Grande: JRC, 2006, p. 11-32.
- SANTOS, Juvandi de Souza. **Cartilha educativa de Pré-História para principiantes**. João Pessoa: JRC – Gráfica e Editora, 2008.

O autor

José Walber Vieira de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN

Recebido em 07/2025 • Aprovado em 08/2025 • Publicado em 09/2025